

Idade de Deus, Idade dos Homens



Dawisson Belém Lopes

África, de Agostinho a Bobbio - Não é por acaso que a biografia de Santo Agostinho, elaborada por Peter Brown, é considerada obra-prima do gênero. Chega-se à sentença mais ou menos no meio da leitura, quando o autor se põe a explorar as nuances do pensamento do bispo africano. A densidade das partes II, III e IV de *Santo Agostinho: Uma Biografia* [Record, 2005] contrasta com a relativa leveza do início e do final da narrativa. Pois assim se estrutura a biografia: nos extremos – a introdução e o desfecho –, notas sobre a vida e a morte de Agostinho, sua família, seus amigos; no núcleo duro, uma delicada dissecação das idéias do outrora jovem devasso que, maduro, desenvolveu a mais fecunda doutrina sobre o catolicismo romano que jamais houve – a qual, certamente, impõe-se até os nossos dias.

O professor Brown publicou a biografia de Agostinho jovem, aos 32 anos de idade. À época, 1967, ainda não havia vindo à tona o acervo de cartas e sermões agostinianos (apenas recentemente descoberto), em que o religioso relata muito de sua experiência como bispo em Hipona, no norte da África. Por essa razão, Brown acrescentou, na mais recente versão de *Santo Agostinho* (2000), um epílogo, no qual se reavaliam passagens do texto original, bem como se especula acerca de algumas hipóteses que, na opinião do professor irlandês, teriam maior capacidade explicativa a respeito da trajetória de Agostinho do que as previamente aventadas.

Uma maneira alternativa – e, digamos, mais conscienciosa – de se ler *Santo Agostinho* é buscando inserir pensamento e obra do africano no contexto do Baixo Império Romano – tempo de declínio acelerado da sociedade e das instituições clássicas. Agostinho pregava em um momento em que, perceba-se, a África setentrional servia de importante foco de irradiação da autoridade da Igreja. Desde o século I a.C., anota Brown, "um 'milagre econômico' havia transformado a região (...) Nunca mais a prosperidade voltaria a se estender de maneira tão eficaz por uma área tão vasta". Para se ter uma idéia, nas artes, ao gênio literário de Agostinho, responsável pelas *Confissões*, somava-se o de Apuleio, autor de *O Asno de Ouro*. Africanos se notabilizavam por suas pinturas em mosaico. Outros ganhavam visibilidade como advogados, oradores, professores... Não obstante a posição razoavelmente destacada da África no jogo da política internacional, até o africano plenamente latinizado do século IV continuava um tanto estrangeiro. A opinião do mundo externo era cruelmente unânime: *a África era desperdiçada com os africanos*.

Pensar a África de Agostinho, hoje, abre alas para a inserção da temática dos direitos humanos. Norberto Bobbio, no já clássico *A Era dos Direitos* [Campus, 2004], suscitava a seguinte reflexão: "Hoje, estamos cada vez mais convencidos de que o ideal da paz perpétua só pode ser perseguido através de uma progressiva *democratização do sistema internacional*, e que essa democratização não pode estar separada da gradual e cada vez mais efetiva proteção dos direitos do homem acima de cada um dos Estados". Se o pensador italiano não se equivoca no seu diagnóstico, é bem possível que, para superarmos as contradições políticas do mundo

contemporâneo e atingirmos um estágio de equilíbrio pacífico, uma precondição seja dar voz e vez à África. Produções cinematográficas recentes, todas do grande circuito comercial – *Hotel Rwanda*, *The Constant Gardener*, *The Lord of War* –, resgatam eloqüentemente (e, por que não dizer?, de modo comovente) a trágica realidade que acomete o continente negro. Demonstram como, em meio à mais absoluta degradação humana, afirma-se uma pujante indústria de exploração da miséria. E insinuam que, no lapso de dezesseis séculos desde Agostinho, talvez não tenhamos evoluído, mas, sim, involuído, sob tantos e diversos aspectos.

Modernidade que rima com arbitrariedade – Pegando o bonde da História na altura da Idade Média, a referência obrigatória a fazer é o francês Jacques Le Goff, herdeiro da escola dos *Annales*. Le Goff oferece uma visão invulgar sobre a Idade Média. Na contramão do senso comum, que atribui ao período improdutividade e ignorância, o historiador das idéias se insurge e apresenta aos leitores um admirável mundo novo – de extraordinária atividade nas artes e nas ciências. Le Goff entende que um dos principais responsáveis por fazer pespegar o rótulo de "Idade das Trevas" foi o teuto-suíço Jakob Buckhardt – *persona non grata* entre os medievalistas. Historiador da arte e da civilização, amoroso da Grécia, Buckhardt instaurou a periodização a que estamos atados até hoje. Adepto da antítese, ele inventa o Renascimento (com "r" maiúsculo!), isola-o da Idade Média e estabelece o corte definitivo. Diz Le Goff, em seu último livro publicado no Brasil [*Em Busca da Idade Média*, Civilização Brasileira, 2005, p. 61]:

Uma velha palavra medieval, a palavra 'moderno' – que significava 'recente', 'presente' – assume assim um valor que havia provocado na virada do século XVII para o XVIII a Querela dos Antigos contra os Modernos. Ser 'moderno' não é mais apenas pertencer ao período atual, mas ser melhor, despontar com mais força, estar à frente do progresso. Procurou-se então o moderno por toda parte no passado, embaralhando as cartas sem proveito. A partir de Buckhardt, o Moderno coroa a evolução, pula por cima de mil anos de errâncias (nossa Idade Média). Marca o início das coisas sérias, da civilização plena e total, com seus progressos, sua Razão, seu saber incomparável, etc.

Renascimento(s) – Perguntado em entrevista se o Renascimento seria um de seus "inimigos", o mesmo Le Goff responde, sem pestanejar: "O Renascimento como máquina de engolir a História, sim. O Renascimento como momento da civilização, não, claro que não!"

É da segunda acepção de Renascimento que Paul Robert Walker, o autor de *A Disputa que Mudou a Renascença* [Record, 2005], quer tratar. Walker, jornalista e ex-professor de inglês, pôs-se a estudar de perto a criativa competitividade entre dois jovens artistas da era do *Quattrocento*, quem sejam, Filippo Brunelleschi e Lorenzo Ghiberti. A querela ilumina os primórdios do que viria a ser considerada a era de ouro da Itália "moderna", seja nas artes – com seus pintores, escultores, literatos –, seja na política – com seus príncipes, conselheiros, religiosos.

A riqueza do livro de Walker encontra-se, sobretudo, em suas entrelinhas. O pano de fundo para a disputa entre Brunelleschi e Ghiberti não deixa de ser tão – talvez mais – instigante quanto a própria trama central. Enquanto conhecemos os detalhes da rivalidade entre os artistas, somos levados, quase sem notar, a um giro pela esplendorosa Florença do fim do século XIV, início do século XV. Nada parece mais representativo da idéia de Renascença, qual a concebemos hoje (sob a influência de Buckhardt), do que aquele cenário urbano alvoroçado e altamente produtivo. Compreender as idéias políticas de um Maquiavel, principalmente os seus apontamentos sobre a dinâmica inerente à atividade política do príncipe, passa por tomar contato com o contexto espaço-temporal em que o conselheiro florentino estivera inserido. Na narrativa de Walker, ainda nos tornamos cientes da trajetória de outros ícones daquele tempo, como Donatello, Masaccio, Cosimo de' Medici e Leon Battista Alberti. Uma leitura e tanto, para quem não está tão inclinado a aceitar as opiniões de Le Goff sem o devido contraditório.

Refresco – Como não poderia deixar de ser, vem de um escritor medieval. Um gênio das artes de todos os tempos. Um dos *Poetas que Pensaram o Mundo* [Companhia das Letras, 2005], nas vistas do professor de filosofia Newton Bignotto. Estou a referir-me a Dante Alighieri. Na seqüência, trecho de sua poética, em que a "condição humana" é o objeto de reflexão. Parece atual, não?

*Ele, cujo saber tudo transcende,
fez os céus e lhes deu quem os conduz:
se em toda parte cada parte esplende
é que igualmente lhes reparte a luz;*

*do mesmo modo pra pompa mundana
designou uma ministra e deu-lhe jus
de ir permutando a riqueza profana
de um pra outro sangue, e de gente em gente,
livre do alcance da cobiça humana.
Logo, uma gente impera, e languescente
fica a outra então conforme o arbítrio dela,
que é oculto como na relva a serpente.
É vão vosso querer controvertê-la:
em seu reino prevê, julga e procede
ela só, como, noutra, outro deus zela.
Sua contínua permutação não cede;
necessidade o giro lhe apressura,
assim sempre aparece quem sucede.
Ela é posta em odiosa conjuntura –
mesmo por quem mais deveria louvá-la –
com vã calúnia e infundada censura;
mas, beata, não ouve a vossa fala;
co' as outras primas criaturas, leda
gira sua roda, e sua ventura embala.
(Dante, Inferno, VII, 73-96, Tradução de Eugenio Mauro)*

OBRAS

- NOVAES, Adauto (org.), *Poetas que Pensaram o Mundo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- BOBBIO, Norberto. *A Era dos Direitos*. Rio de Janeiro, Elsevier, 2004.
- WALKER, Paul Robert. *A Disputa que Mudou a Renascença*. Rio de Janeiro, Record, 2005.
- BROWN, Peter. *Santo Agostinho: Uma Biografia*. Rio de Janeiro, Record, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *Em Busca da Idade Média*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005; com a colaboração de Jean-Maurice de Montremy.